

Alexandre Kantorow



11 nov 23

11 nov 23 SÁBADO 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Alexandre Kantorow Piano

Johannes Brahms

Rapsódia em Si menor, op. 79 n.º 1

c. 9 min.

Franz Liszt

Chasse-neige, S.139/12

c. 5 min.

Vallée d'Obermann, S.160/6

c. 15 min.

Béla Bartók

Rapsódia para piano, op. 1

c. 20 min.

INTERVALO

Sergei Rachmaninov

Sonata n.º 1, em Ré menor, op. 28

c. 36 min.

1. *Allegro moderato*

2. *Lento*

3. *Allegro molto*

J. S. Bach / J. Brahms

Chaconne em Ré menor, para a mão esquerda,
da Partita para Violino solo n.º 2, BWV 1004

c. 15 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 10 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Johannes Brahms

(Hamburgo, 1833 – Viena, 1897)

Rapsódia em Si menor, op. 79 n.º 1

—

COMPOSIÇÃO 1879

DURAÇÃO c. 9 min.

O legado de peças para piano de Johannes Brahms distribui-se ao longo de mais de quarenta anos, estando as datas de composição repartidas entre 1851 e 1893, ou seja, ao longo de toda a extensão da sua vida de compositor. Depois de alguns ensaios iniciais com as três Sonatas, as Variações Schumann op. 9, ou as Quatro Baladas op. 10, entre outras peças onde o compositor faz reverência aos clássicos e em particular a Beethoven, Brahms passa a considerar o piano como se fosse um seu confidente diário, ao qual confia breves pensamentos, tal como nos é sugerido pelo conjunto dos seus *Klavierstücke* – trinta e quatro peças de moderada duração. Depois da composição das Variações Paganini op. 35, em 1862-63, tem início um longo período

durante o qual Brahms completa apenas música vocal ao mesmo tempo que traça os esboços de algumas das peças que formarão o conjunto das suas coleções para piano mais tardias – op. 116-119. Em 1879, regressa ao piano e escreve quatro peças para piano op. 76 – quatro *capriccios* e quatro *intermezzi* – e as duas Rapsódias op. 79. Estas duas últimas peças orientam-se sob o tom genérico das *Ballades* da juventude de Brahms, encontrando-se nelas um rasgo de heroísmo e do arrebatamento da paixão juvenil. No entanto, se a inspiração destas duas obras é algo singular, a sua conceção é bastante rigorosa, sendo a primeira peça, em Si menor, construída como um vasto *Scherzo* com trio.

Franz Liszt

(Raiding, 1811 – Bayreuth, 1886)

Chasse-neige, S.139/12

COMPOSIÇÃO 1851

DURAÇÃO c. 5 min.

O virtuosismo romântico assentava na espetacularidade das apresentações musicais. Músicos apresentavam obras de altíssima dificuldade ao público, encarnando a figura do génio de grandes capacidades inatas. Nesse contexto, os estudos passam de peças preparatórias a obras de concerto. Altamente influenciados por Paganini, os *Estudos de execução transcendente* de Franz Liszt foram publicados em 1852, quando o pianista e compositor se retirava da ribalta concertística e se dedicava à composição. Estes resultaram de duas revisões de obras escritas na juventude. A peça *Chasse-neige* foi terminada em 1851 e remete para um nevão. Assim, o piano tenta capturar a atmosfera gélida e instável dessa condição atmosférica. Nele, encontramos melodias apresentadas nos registos extremos em forma de pergunta-resposta, enquanto o acompanhamento se desenrola nas vozes interiores. Assim, o balanço dos tremolos retrata a tensão constante do nevão. A intensificação expressiva, a partir dos *crescendi*, da aceleração e da subida de registo conduz ao clímax do estudo que acompanha, gradualmente, a dissipação da tempestade através do abrandamento e dos *decrescendi*.

Vallée d'Obermann, S.160/6

COMPOSIÇÃO c. 1850

DURAÇÃO c. 15 min.

Os *Années de Pèlerinage* constituem três cadernos de obras programáticas para piano escritas por Liszt. O primeiro é dedicado à Suíça, país que o compositor percorreu, e foi escrito entre 1848 e 1854. *Vallée d'Obermann* faz parte da coleção *Album d'un voyageur* e foi profundamente revisto pelo compositor. A obra é inspirada no romance homónimo de Étienne Pivert de Senancour, que coloca um herói romântico isolado frente à Natureza. A estrutura tripartida da obra recorre ao cromatismo e ao virtuosismo, num devaneio solitário e individualista em que a incerteza e a procura indefinida são permanentes. Assim, o carácter de meditação introspectiva sobressai na primeira parte, interrompida por acordes e pausas. Um *cantabile* de timbres cristalinos remete para o sobrenatural na secção intermédia, com Liszt a explorar o timbre como elemento expressivo. Essa visão angelical em crescente instabilidade alterna atmosferas contrastantes, até retomar a melodia do início da peça. As longas melodias e o diferimento das resoluções criam uma tensão que acompanha o crescendo final.

Béla Bartók

(Nagyszentmiklós, 1881 – Nova Iorque, 1945)

Rapsódia para piano, op. 1

—

COMPOSIÇÃO 1904

DURAÇÃO c. 20 min.

Béla Bartók é uma figura ímpar do Modernismo. A partir do final da primeira década do século XX, o trabalho de recolha realizado em parceria com Zoltán Kodály marcou a sua carreira. Então, os dois estudiosos deslocaram-se pelo mundo rural da Europa Central, registando músicas tradicionais em papel e em cilindro fonográfico. Esse universo sonoro enformou a produção de Bartók a partir de então. Todavia, iremos ouvir outro Bartók neste recital. Pianista fortemente enraizado na tradição virtuosística romântica, o compositor aproximou-se, desde cedo, dos modernismos francês e germânico. Assim, a Rapsódia op. 1 é uma obra de juventude que balança entre a tradição e a inovação, com alguma ressonância no trabalho posterior de Bartók. Composta em 1904, ano de estreia do seu poema sinfónico *Kossuth*, foi revista, parcialmente, em 1908 e totalmente

em 1923. O compositor arranjou-a, posteriormente, para piano e orquestra e para dois pianos.

A Rapsódia op. 1 começa com uma passagem lenta e marcial numa atmosfera solene. O carácter misterioso e a sobreposição de materiais angulares ornamentados adensam a textura. Essa verticalidade conduz a um episódio *cantabile*, em que pontifica a liberdade rítmica. A irregularidade, o contraste entre registos e o virtuosismo marcam esta obra, assente na dualidade entre movimento e estatismo. O carácter rapsódico contrapõe momentos percussivos a passagens melódicas, texturas densas e esparsas e secções dominadas pelo contraponto. A sobreposição de planos sonoros intensifica a liberdade formal de uma obra de cariz virtuosístico e improvisatório que antecipa elementos da produção posterior de Bartók.

Sergei Rachmaninov

(Semyonovo, 1873 – Beverly Hills, 1943)

Sonata n.º 1, em Ré menor, op. 28

—

COMPOSIÇÃO 1907

DURAÇÃO c. 36 min.

O virtuosismo ao piano é um emblema de Sergei Rachmaninov. A sua abordagem tardo-romântica, numa época em que a gravação sonora e a radiodifusão entravam na casa das pessoas, tornou-o uma figura única. A Sonata n.º 1 foi escrita em 1907, quando o casal Sergei e Natalia residiam em Dresden. A instabilidade política crescente no Império Russo e o fracasso da primeira sinfonia levaram o casal a fixar-se na Alemanha, após algum sucesso de Sergei na terra natal como compositor, pianista e maestro. Em Dresden, completou obras marcantes, como a Sonata n.º 1 e a Sinfonia n.º 2. A sonata n.º 1 encontra-se dividida em três andamentos, de acordo com o esquema clássico. Os ecos trágicos da tonalidade de Ré menor ressoam no *Allegro moderato*, onde Rachmaninov apresenta temas e motivos que incorpora em todos os andamentos da obra. A atmosfera trágica, desenvolvida em torno de uma célula interrogativa, é sublinhada pela harmonia e pelos jogos de pergunta-resposta. A solenidade

e a verticalidade são interrompidas por passagens virtuosísticas rápidas. O andamento termina de forma plácida em Ré maior. A apresentação de melodias sobre um acompanhamento regular domina o *Lento*, em que o cromatismo e a dissonância matizam a narrativa. O virtuosismo crescente, patente numa curta cadência, sublinha a expressividade romântica do andamento, que retorna à atmosfera inicial, agora profusamente ornamentada por trilos. O final começa de forma afirmativa e tempestuosa. Segue-se uma secção imitativa em que células são apresentadas e sobrepostas sucessivamente, dando lugar a um episódio contemplativo e cheio da nostalgia que Rachmaninov tão bem soube colocar em notas. A reexposição é acelerada, incluindo citações da melodia do *Dies irae* e de elementos do primeiro andamento. Os galopes e o contraponto criam uma trama especial que desemboca numa coda enérgica à qual se segue um final calmo, vertical e solene.

Johann Sebastian Bach

(Eisenach, 1685 – Leipzig, 1750)

Johannes Brahms

(Hamburgo, 1833 – Viena, 1897)

Chaconne em Ré menor, para a mão esquerda,
da Partita para Violino solo n.º 2, BWV 1004

—

COMPOSIÇÃO c. 1720 / J. Brahms, 1879

DURAÇÃO c. 15 min.

A música de Johann Sebastian Bach foi redescoberta na segunda metade do século XIX, quando a canonização do repertório germânico teve lugar. Apesar desta se ter mantido na didática de vários instrumentos, beneficiou deste movimento. O violinista Joseph Joachim (1831-1907) foi essencial na reintrodução das obras para violino solo de J. S. Bach. Brahms foi um parceiro artístico de Joachim, e transcreveu a *Chaconne* da Partita n.º 2 em Ré menor, BWV 1004, para a mão esquerda de um pianista, entre 1877 e 1878. Nessa altura, o compositor encontrava-se a escrever o Concerto para Violino, obra que dedicou a Joachim. O manuscrito da Partita n.º 2, BWV 1004, data de 1720, quando Bach trabalhava na corte de Cöthen e se dedicava à música

profana. A obra termina com a longa *Chaconne*, uma das passagens mais conhecidas da música do compositor. Nela, a repetição de um *basso ostinato* suporta um conjunto de 31 variações. A valorização do registo grave e a redução do contraponto a uma mão do pianista atribuem uma aura de virtuosismo romântico à expressividade dançável do Barroco. A contraposição de episódios concentrados na apresentação de melodias austeras à trama contrapontística sobressai na *chaconne*. Nela, as variações tímbricas tornam-se essenciais para introduzir clareza e variedade frásica numa obra baseada na repetição, que condensa várias vozes num âmbito estrito.

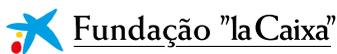
NOTAS DE JOÃO SILVA
E DE MIGUEL RIBEIRO (RAPSÓDIA OP. 79 N.º 1)

Alexandre Kantorow

Alexandre Kantorow é o anunciado vencedor do *2024 Gilmore Artist Award*, tornando-se no mais jovem pianista e no primeiro francês a receber este importante prêmio. Em 2019, com 22 anos, foi também o primeiro pianista francês a receber a Medalha de Ouro no Concurso Tchaikovsky, bem como o *Grand Prix*, atribuído apenas três vezes na história da competição. Alexandre Kantorow atuou em muitos dos mais prestigiados auditórios como o Concertgebouw de Amesterdão, o Queen Elisabeth Hall em Londres, a Philharmonie de Paris, a Ópera de Tóquio ou o Carnegie Hall de Nova Iorque. Estreou-se no Grande Auditório Gulbenkian em março de 2022, tendo regressado nas duas temporadas seguintes. Toca também regularmente nos mais prestigiados festivais internacionais, incluindo Ravinia, Verbier e *BBC Proms*. No domínio da música de câmara, colaborou com o violinista Renaud Capuçon, o violonista Antoine Tamestit, o violoncelista Gautier

Capuçon e o barítono Matthias Goerne. Destaques da presente e das próximas temporadas incluem concertos com a Sinfónica de Pittsburgh, a Filarmónica de Berlim, a Orquestra de Paris, a Philharmonia Orchestra, a Filarmónica de Roterdão, a Filarmónica de Munique e a Filarmónica de Hong-Kong, entre outras orquestras. Alexandre Kantorow grava em exclusivo para a editora BIS (Apple Music). Todas as suas gravações receberam os maiores elogios a nível internacional, bem como múltiplos prémios, incluindo *Diapason d'Or*, *Choc Classica of the Year*, *Victoires de la Musique Classique* e *Trophée d'Année*. Alexandre Kantorow é um laureado da Fundação Safran e da Fundação Banque Populaire. Em 2019 foi nomeado “Revelação Musical do Ano” pela Professional Critics Association. De ascendência franco-britânica, estudou com Pierre-Alain Volondati, Igor Lazko, Frank Braley e Rena Shereshevskaya.

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
VASP DPS

Lisboa,
Novembro 2023

